

Assessores de candidatos dão apoio ao acordo

Economistas da oposição fazem, porém, ressalvas e apontam dependência externa

JAMES ALLEN

e ODAIL FIGUEIREDO

BRASÍLIA – Os assessores econômicos dos candidatos à Presidência da República apoiaram a decisão do governo de recorrer a uma nova ajuda do FMI para enfrentar a instabilidade cambial e financeira. Embora ressaltando que a saída da crise exige medidas de maior profundidade, como a redução da dependência da economia do financiamento externo, eles disseram que, neste momento, não restava outra alternativa ao País para fechar suas contas com o exterior.

Os assessores participaram ontem de um seminário sobre os programas econômicos dos candidatos, promovido pelo Conselho Federal de Economia (Cofecon). Mauro Benevides Filho, principal assessor econômico de Ciro Gomes, do PPS, disse que, a curto prazo, o acordo “é bom para o mercado, porque irriga a economia”. Mas ressaltou que uma solução definitiva para o problemas das contas externas só virá com a mudança do modelo econômico. Benevides garantiu que Ciro, se eleito, vai honrar o acordo fechado ontem, embora pretenda implementar reformas para não ter que utilizar todos os recursos colocados à disposição do País pelo organismo. “É a terceira vez desde 1998 que temos de ir ao Fundo”, disse.

O economista Tito Ryff, que integra a equipe de campanha do PSB, afirmou que, se eleito, Anthony Garotinho provavelmente utilizará os recursos negociados pelo País com o FMI, caso seja necessário. “Vai depender da confiança do mercado e da confiança no presidente da República e, também, do saldo da balança comercial”, afirmou. Segundo ele, os US\$ 24 bilhões reservados para 2003 são suficientes para garantir os compromissos externos do país no ano que vem. Os US\$ 6 bilhões que estarão disponíveis neste ano, contudo, podem não ser o bastante. “Para 2002, o cobertor é curto”, afirmou. A possibilidade de reduzir as reservas para até US\$ 5 bilhões é “uma arma de dissuasão” que não deverá ser usada pelo governo, segundo o economista.

O governo se preocupou em informar os candidatos e seus assessores tão logo concluiu o acordo com o FMI. O deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) disse que o presidente Fernando Henrique Cardoso telefonou na quarta-feira à noite para o presidente do partido, deputado José Dirceu (SP), comunicando a conclusão dos entendimentos. Na mesma noite, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ligou para Tito Ryff e pediu que ele falasse com Garotinho. O assessor, porém, só conseguiu encontrar o candidato do PSB ontem pela manhã.

Mercadante revelou ainda que, na conversa que teve com o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, há três semanas, já havia sido avisado da possibilidade de o Brasil fechar um novo acordo com o FMI.

Na ocasião, foi também informado de que os marcos macroeconômicos do acordo, como a meta de superávit primário de 3,75% do PIB, não seriam alterados. A manutenção desta meta foi um das condições posteriormente citadas pelo candidato Luiz Inácio Lula da Silva para apoiar o acordo.

Segundo Mercadante, o fechamento do acordo “seguramente” influirá na queda da cotação do dólar. “O quadro precário que existia muda com o fechamento do acordo”, observou. “Mas ele não resolve a crise, embora tire o País do sufoco.” O assessor do PSDB, Geraldo Biasoto Junior, afirmou que o acordo com o Fundo Monetário é importante porque vai permitir ao País fazer com tranquilidade a transição de governo.